
A CLASSE TRABALHADORA, O SURGIMENTO DA CONSCIÊNCIA DE CLASSE E A EDUCAÇÃO

LA CLASE OBRERA, EL SURGIMIENTO DE LA CONSCIENCIA DE CLASE Y LA EDUCACIÓN

THE WORKING CLASS, THE EMERGENCE OF THE CLASS CONSCIOUSNESS AND EDUCATION

Paulino José Orso¹

Resumo: Este artigo trata da sociedade de classe, do surgimento da classe trabalhadora, de seu reconhecimento enquanto tal e da educação. Inicia fazendo uma breve discussão sobre as concepções positivista e materialista histórica dialética de sociedade e, na sequência, aborda os ensaios feitos pela classe trabalhadora em sua longa trajetória até conquistar sua consciência para si. Se, desde a antiguidade vivemos numa sociedade de classes, não é desse período a consciência de pertencimento dos trabalhadores a uma classe e, muito menos, por uma ação pautada e consequente com este pertencimento. Essa conquista passa por diversos momentos e lutas, quer seja contra a nobreza e a aristocracia ou contra a burguesia, com quem ombreou muitas lutas para destronar as forças do Antigo Regime. Contudo, nessas lutas a classe trabalhadora também foi percebendo que se a burguesia, em diversos momentos, mostrou-se interessada em fazer alianças circunstanciais para a conquista do poder, ela definitivamente não tinha nenhum interesse em dividi-lo. Com isso, nas sucessivas lutas e traições da burguesia, a classe trabalhadora foi aprendendo não só a não acreditar nas promessas e ilusões de seus antigos “companheiros”, mas também reivindicar para si o direito de dar a direção de suas vidas e de “seu destino”.

Palavras-chaves: Classe trabalhadora, consciência de classe, educação, burguesia.

Resumen: Este artículo trata de la sociedad de clases, el surgimiento de la clase obrera, su reconocimiento como tal y la educación. Comienza con una breve discusión de las concepciones positivista y materialista dialéctica histórica de la sociedad, a continuación, analiza las pruebas realizadas por la clase obrera en su larga historia en ganar su conciencia a otro. Si, desde los tiempos antiguos en que vivimos en una sociedad de clases, este período no es la conciencia de pertenecer a una clase de trabajadores y mucho menos para una acción basada en y de conformidad con esta membresía. Este logro pasa por varias veces, y luchas, ya sea en contra de la nobleza y la aristocracia o en contra de la burguesía, que se codean con muchas luchas para derrocar a las fuerzas del Antiguo Régimen. Sin embargo, estas luchas de la clase obrera también darse cuenta de que si la burguesía, en varias ocasiones, estaba interesada en hacer alianzas relacionados con la conquista del poder, definitivamente no tenía ningún interés en compartirlo. Por lo tanto, en las luchas sucesivas y traiciones de la burguesía, la clase obrera estaba aprendiendo no sólo no creer en las promesas y las ilusiones de su ex "camaradas", sino que también reivindicar el derecho a dar la dirección de sus vidas y sus "destino".

Palabras clave: La clase obrera, la conciencia de clase, la educación, la burguesia.

Summary: This article deals with the class society, the emergence of the working class, its recognition as such and the education. Starts with a brief discussion of the positivist and materialist conceptions of society and historical dialectics, following, discusses the tests made by the working class in its long history to win his consciousness to another. If, from ancient times we live in a class society, this period is not the consciousness of belonging to a class of workers and much less for an action based on and consistent with this membership. This achievement goes through several times and struggles, whether against the nobility and aristocracy or against the bourgeoisie, who rub shoulders with many struggles to overthrow the forces of the Old Regime. However, these struggles the working class was also realizing that if the bourgeoisie, at various times, was interested in making alliances incidental to the conquest of power, definitely had no interest in sharing it. Thus, in the successive struggles and betrayals of the bourgeoisie, the working class was learning not only not believe in the promises and illusions of his former "comrades", but also claim the right to give the direction of their lives and "their destination".

Keywords: Working class, class consciousness, education, bourgeoisie.

Tratar da Classe trabalhadora, da Consciência de Classe e da educação, constitui-se num grande desafio. Mas, julgamos necessário enfrenta-lo não apenas para tentar compreender o atual momento em que nos encontramos, mas também para fazer frente a ele e construir uma nova sociedade. A temática remete à relação dialética entre capital e trabalho ou, se se quiser, ao modo de produção da vida material, isto é, ao modo como os homens cavam a sua sobrevivência.

Para tratar da temática, por um lado, pretendemos privilegiar uma análise de longa duração, tomando o movimento histórico como local em que se relacionam os diferentes agentes sociais e, por outro, tomamos a categoria da totalidade como central, tanto numa análise longitudinal, em sequência cronológica, como numa análise conjuntural, entendendo que só a partir dela é que se pode efetivamente compreender a sociedade e as lutas que se travam no interior dela, resultados sintéticos das relações sociais conflituosas. Relações conflituosas, portanto, que, como não poderia deixar de ser, travam-se entre contrários, que, por vezes, repelem-se e, por outras, interpenetram-se; que por falta de uma consciência de classe por parte dos trabalhadores, ao invés de compreender os capitalistas como seus adversários e lutar pela superação de sua condição, frequentemente, travam relações de cooperação com seus patrões.

Esta dialética, por sua vez, remete à questão das mobilizações e movimentos sociais. Dependendo de como os concebemos, teremos uma ou outra compreensão e posicionamento a respeito das mobilizações e movimentos sociais. Se adotarmos a perspectiva positivista, compreenderemos a sociedade como um todo organizado em que cada um desempenha uma função e um papel específico, que deve ser cumprido todos os dias e todas as horas, tendo em vista o “bem comum” de todos os indivíduos. Nesta concepção o status social de cada indivíduo é definido naturalmente ou pelos dons inatos e os movimentos reivindicatórios e os indivíduos tidos como “subversivos” são tratados como caso de polícia, uma vez que não se submetem naturalmente às condições estabelecidas e “não se adequam naturalmente às condições existentes”.

Diferente e contrário disto, se adotarmos a concepção materialista histórica dialética, compreenderemos que, ao invés dos indivíduos serem definidos pela natureza ou por uma pré-determinação superior ou ainda por predestinação, o são pelo modo de organização social. Parte-se do pressuposto de que a realidade é permeada por contradições a partir dos quais decorrem divisões, diferenças, conflitos, antagonismos e lutas sociais.

Nesta perspectiva a condição individual de cada um, assim como, a condição de cada sociedade, de cada segmento ou classe social é entendida como decorrente do modo de organização da sociedade. Portanto, neste caso as lutas, os conflitos, as mobilizações e movimentos sociais, ao invés de serem compreendidos como excrescências sociais, são entendidos como produtos “naturais” da materialidade social. De igual modo a resolução dos mesmos, ao invés de serem tratados como caso de polícia e serem aniquilados, têm sua solução na mudança e no processo de transformação social em que têm sua gênese.

Ou seja, longe de a sociedade ser uma grande comunidade, harmônica e irmanada em torno de um mesmo fim, cada um executando, fazendo e se ocupando de algo específico, tendo em vista o bem comum de todos, conforme a concepção positivista apregoa, ela se constitui num complexo de indivíduos,

relações, condições e movimentos diferenciados, divididos, conflituosos decorrentes da própria organização social, que em sua base tem a propriedade privada dos meios de produção, que implica, conseqüentemente, na divisão social em classes e, portanto, nas lutas de classes.

Neste sentido, como afirmamos acima, ao invés de ser uma aberração, o surgimento da sociedade de classes, da consciência de classe, e conseqüentemente, das lutas entre as classes são compreendidas como produtos e expressões “naturais” desta sociedade fundada na propriedade. E, como dizem Marx e Engels no *Manifesto do Partido Comunista*, a história de todas as sociedades, desde a antiguidade até os nossos dias, tem sido a história das lutas de classes, quer seja entre patrícios e plebeus, senhores e escravos, suseranos e servos ou capitalistas e proletários, uma luta que às vezes tem sido aberta e franca, outras ocultas e disfarçadas – uma guerra que sempre terminou ou com uma transformação revolucionária de toda a sociedade ou com a destruição das classes em luta². De qualquer modo, quer tenha-se ou não consciência delas, as lutas de classes são inerentes ao modo de organização social que tem sua base na propriedade privada dos meios de produção.

Tendo isso presente, pode-se dizer que, depois do fim das chamadas comunidades primitivas, a partir do aparecimento da propriedade privada dos meios de produção, as classes sociais e, conseqüentemente, os conflitos dela decorrentes, nos acompanham até o momento atual. Mas, as classes e os conflitos de classe não são naturais, não são inerentes ao homem e à sociedade. Ao invés disso, passamos por um longuíssimo período da história sem propriedade privada e, por conseguinte, sem classe, sem Estado, sem diferenças e lutas de classes. Aliás, passamos muito mais tempo sem classe do que com classes³.

Tomando-se a história do homem, desde seu aparecimento como referência, pode-se afirmar que a sociedade de classes é muito recente. Apesar disso, a existência das classes remonta à cerca de 12 mil anos. Contudo, muitíssimo mais recente ainda é a consciência desta condição. A entrada em cena dos trabalhadores na história ocorreu basicamente no período da Revolução Francesa, em 1789, quando ombrearam lado a lado com a burguesia na luta contra a nobreza. No entanto, demorou mais aproximadamente 60 anos até que os trabalhadores se reconhecessem efetivamente enquanto uma classe, não apenas contrária à nobreza e a aristocracia, mas também contrária a seus antigos companheiros “revolucionários”, os burgueses, ou seja, com identidade própria.

O proletariado de Paris foi obrigado pela burguesia à insurreição de junho. Já nisto havia a sua sentença que o condenava. Nem a sua necessidade imediata e confessada o levava a querer derrubar violentamente a burguesia, nem estava à altura de tal tarefa. [...] que, no seio da república burguesa, a mais pequena melhoria da sua situação é uma utopia, uma utopia que passa a ser crime logo que queira realizar-se. Em vez das reivindicações exaltadas na forma, mas mesquinhas no conteúdo e mesmo ainda burguesas, cuja satisfação ele queria forçar a república de Fevereiro a conceder, surgia agora a audaciosa palavra de ordem revolucionária: derrumbe da burguesia! Ditadura da classe operária!⁴

É na Revolução de 1848, que os trabalhadores, depois de muitas lutas, de muitas traições da burguesia, reconhecem sua identidade de classe e transformam sua consciência em si em consciência para

si. É neste momento que os trabalhadores desfazem-se de suas ilusões e adquirem identidade de classe, enquanto uma classe com interesses e condições opostas à da burguesia.

Antes disso, eles fizeram diversos ensaios na tentativa de se organizar enquanto uma classe oposta tanto à nobreza quanto à burguesia.

Os primeiros ensaios dos trabalhadores em torno do seu reconhecimento enquanto classe.

A partir do início do século XIX, até sua metade, ocorrem intensos movimentos políticos em todo o continente europeu. Foi um período de amadurecimento dos movimentos, de definição de identidades, de consolidação de um longo processo de transição, o que não poderia ocorrer também sem grandes conflitos. Nesse momento, a Europa dava mostras de que o passado estava praticamente esgotado enquanto modo de produção da existência, mas ainda não se constituía numa sociedade propriamente nova, moderna. Ocorria uma série de conflitos expressando um período próprio de transição entre o velho que resistia e não queria morrer e o novo que despontava e que queria nascer e se afirmar. Ou seja, lutas da burguesia e do proletariado contra a nobreza e a aristocracia, ou ainda, da “modernidade” e do capitalismo contra o Antigo Regime e o feudalismo.

A parteira destes movimentos foi a Revolução Francesa, que com seus ideais de liberdade, igualdade, fraternidade e democracia, abria as portas para os movimentos progressistas e servia como bandeiras de lutas para muitos povos e nações europeias. Esses movimentos iniciam-se com a Revolução Francesa, espriam-se com as guerras napoleônicas e, depois de um período de contenção, sobretudo durante o período de vigência da Santa Aliança, entre 1815 e 1830, retornam numa espécie de onda revolucionária, que se intensifica entre os anos de 1830 e 1848, atingindo seu auge em meados do século XIX, com a Comuna de Paris de 1871.

Num primeiro momento, essas lutas assumem um caráter liberal e democrático, encabeçadas pela burguesia mais progressista, para depois adquirir um caráter nacionalista e de independência, para finalmente, serem marcadas pelos ideais socialistas, tendo a frente os movimentos proletários (defensores da democracia, intelectuais, operários).

A contenção ou reação a estes movimentos, foi levada a cabo pelo Congresso de Viena e pela política da Santa Aliança, que se utilizaram de todos os recursos ideológicos, burocráticos e, sobretudo, pela força das armas e dos exércitos, numa palavra, bélicos, para conter, reprimir, abortar e massacrar os insurgentes, portadores das ideias de mudança. Apesar de terem obtido algumas conquistas de caráter constitucional-democrático, quase todos foram esmagados pelos governos absolutistas e autoritários.

Na Alemanha, por exemplo, com a perseguição e repressão desencadeada por Frederico Guilherme III, a partir do fim das guerras napoleônicas, em 1815, um grupo de revolucionários que lutavam pela liberdade e pela unificação do país, foram obrigados a fugir e se refugiar em outros países. Contudo, mesmo no exílio, não deixaram de se organizar e se manifestar, protagonizando lutas e organizações para enfrentar, quer seja os governos reacionários ou a burguesia.

As manifestações populares, democráticas e liberais não se restringiram à Alemanha, difundiram-se por Paris, Londres e Bruxelas. Em Paris, a primeira medida tomada pelos exilados alemães, foi organizar-se para continuar a luta pela liberdade e pela unificação alemã. Com isso, é criada a **Associação Patriótica Alemã**, que em 1834, é transformada na **Liga dos Proscritos**, dirigida por **Jacob Venedey**⁵ e **Theodor Schuster**⁶, tendo como princípio “a igualdade e solidariedade entre os homens”, inspirados nos ideais liberais e utopistas franceses. Contudo, os ideais democráticos e nacionalistas de Venedey, chocam-se com os ideais internacionalistas defendidos por Schuster, provocando a divisão entre os revolucionários alemães. Em consequência disso, em 1836, sob a liderança de Theodor Schuster, em Paris, é fundada uma nova liga, a **Liga dos Justos**.

A Liga dos Justos, por sua vez, constitui-se numa associação secreta alemã de operários e artesãos, que surgiu na década de 1830, que em 1836, em Paris, sob a liderança de Schuster, que é substituído por Wilhelm Weitling⁷, que a dirigiu entre 1837 e 1844, tendo como colaboradores na direção: Karl Schapper, George Weissenbach, Karl Hoffmann, Henri Bauer (sapateiro), Joseph Moll (relojoeiro), Hermann Everberck (escritor) e Germann Maurer (professor)⁸.

Assim como a Liga dos Proscritos, a Liga dos Justos também não ficou restrita à capital francesa; expandiu-se pela Suíça e Inglaterra, sofrendo, em cada um desses países, distintas influências. Na França teve influência das ideias utópicas, conspirativas e igualitaristas de Saint-Simon⁹, Babeuf¹⁰, Fourier¹¹, Cabet¹², Lous Blanc¹³ e Proudhon¹⁴. Na Suíça seguiu sob a influência das ideias de Weitling. Em Londres, apesar da influência de Owen¹⁵, a Liga dos Justos travou contato com ideias expressas pelas trade-unions¹⁶, do movimento cartista¹⁷ e das ideias de operários fabris e exilados políticos de diversos países europeus.

Contudo, apesar de limitado, é importante reconhecer que o socialismo considerado utópico, que consiste num conjunto heterogêneo de ideias de reforma social, surgidas no começo do século XIX, em resposta aos problemas advindos da Revolução Industrial e das ideias liberais na Europa, também deu uma importante contribuição para o reconhecimento dos trabalhadores enquanto classe.

Em função do grau de consciência atingido pelos trabalhadores e do aprofundamento das contradições sociais, entre 1843 e 1846, Londres foi palco de uma grande efervescência de ideias, mais do que em qualquer outro lugar, que acabaram por colocar em questão as ideias igualitárias, utópicas e conspirativas, difundidas à época, levando a Liga dos Justos à defesa de novos princípios, dentre eles, o de que a revolução não resulta de uma conspiração, mas é síntese de um longo processo social, combinando propaganda, ação política permanente e organização. Além disso, a Liga passou a defender a necessidade de elaborar uma teoria científica para a revolução, uma teoria revolucionária, preparando o espaço não só para uma aproximação dos intelectuais que defendiam o socialismo, como também, para amadurecer a ideia da sua reorganização e rediscussão do comunismo em novas bases.

Paralelamente a isso, em Bruxelas, Marx e Engels envolvem-se num intenso movimento político e, em 1846, fundam nesta cidade o Comitê de Correspondência Comunista, que expressa a percepção dos militantes comunistas da Inglaterra, França, Alemanha, Bélgica e Suíça, os limites das lutas localizadas e a

necessidade de internacionalizá-las, superando o nacionalismo proletário, uma vez que os problemas dos proletários dos distintos países eram praticamente os mesmos. Além disso, também representava a clara consciência de que os interesses do proletariado eram contrários aos da burguesia. Defendiam a abolição da propriedade privada, a instituição da comunidade de bens e enfatizavam a necessidade realizar estudos científicos sobre a sociedade burguesa como forma de fundamentar a ação revolucionária.

Por fim, em 1847, é convocado um congresso que deveria reunir os ativistas, organizações e intelectuais, enfim, os partidários desses ideais que viviam nos diversos países para participarem do Primeiro Congresso da Liga dos Justos que deveria ser realizado em Londres entre os dias 2 e 9 de junho. Nesse mesmo ano, em janeiro, antes da realização do congresso, Joseph Moll, em nome da “Autoridade Central da Liga dos Justos”, estabelece contatos com a intelectualidade revolucionária espalhada nos diversos países, quando também trava contato com Marx, que se encontra em Bruxelas, enquanto Engels estava em Paris, que resultou no ingresso de ambos na Liga.

Nesse I Congresso, aprovou-se a mudança da **Liga dos Justos** para **Liga dos Comunistas** e foi definido o “Projeto de Estatutos” e a “Profissão de Fé Comunista” e enviados para as seções da Liga de vários países para serem discutidos e, posteriormente, aprovados no II Congresso, a ser realizado entre 29 de novembro e 8 de dezembro daquele ano.

Como vimos, no I Congresso realizado em Londres, em 1847, a então Liga dos Justos é reorganizada e transformada na Liga dos Comunistas. Os princípios programáticos e de organização foram reelaborados com a participação direta de Marx e Engels, que redigiram também o Manifesto do Partido Comunista, que ficou pronto pouco antes de explodirem as Revoluções de 1848 e serviu de guia para os movimentos proletários de diversos países, além de passar a ser o programa da nova Liga. Assim, o antigo lema da Liga dos Justos “*todos os homens são irmãos*”, com a transformação na Liga dos Comunistas passou a ser: “*Proletários de Todos os Países Uni-vos!*”. Dezessete anos mais tarde, esse lema também se transformou no grito de guerra da Associação Internacional dos Trabalhadores (1864) e, a partir daí, tornou-se bandeira dos movimentos proletários de todo mundo.

Os membros da Liga tomaram parte ativa na revolução de 1848, principalmente na Alemanha e França, embora tenham tido pontos de apoio também em Londres, Bruxelas, Suíça e Alemanha. Marx e Engels posicionam-se contra o reformismo.

Após explodir a revolução de fevereiro (1848), em Paris, muitos militantes foram forçados a direcionarem suas atividades para a luta revolucionária, enfraquecendo as atividades da Liga. Depois de muitos dos ativistas da Liga dos Comunistas serem presos e mortos, o oportunismo acabou ocupando o espaço. Passada a onda revolucionária, no início de 1850, tentou-se retomar a organização da Liga. Contudo, devido às divergências em relação à análise da situação econômica e política europeia, também ocorrem divisões no interior da Liga dos Comunistas e sua consequente a divisão em dois grupos, um sob a liderança de Willich e Schapper (Londres) e outro sob a liderança de Marx (Colônia).

Depois da derrota dos operários na Revolução de junho parisiense, devido à repressão, a Liga acaba por se extinguir em 1852. Porém, apesar dos proletários terem sido derrotados em 1848 e 1849, a

experiência representou um avanço qualitativo para o movimento proletário e comunista internacional e uma nova etapa para o marxismo e para a consciência de classe. A partir daí Marx e Engels analisam em profundidade essa revolução e extraem lições importantes para seu trabalho teórico e para as lutas práticas.

A Liga dos Comunistas foi a primeira organização internacional comunista do proletariado, criada sob a direção de Marx e Engels, como corolário das associações secretas de operários e artesãos alemães. Existiu até novembro de 1852 e foi antecessora da Associação Internacional dos Trabalhadores (I Internacional – AIT), criada em 1864. Os dirigentes mais eminentes da Liga dos Comunistas desempenharam, mais tarde, o papel de dirigentes na I Internacional.

A Liga dos Comunistas é considerada o resultado do acúmulo das lutas e movimentos surgidos anteriormente; condenou-se a tendência de se criar um modelo ideal de sociedade comunista; defendeu-se a necessidade de se intensificar as atividades de organização e propaganda e buscar embasamento científico para as teorias e práticas revolucionárias.

Depois de muitas lutas, de experiências ao lado da burguesia, de ensaios de reconhecimento de sua identidade, de crenças, ilusões e decepções com as promessas da burguesia, os trabalhadores, enfim, compreendem-se como uma classe com interesses distintos das de seus opressores. Como diz Engels, “estes movimentos apresentavam-se agora como um movimento da classe oprimida moderna, do proletariado, como formas mais ou menos desenvolvidas da sua luta historicamente necessária contra a classe dominante: a burguesia”¹⁸.

Ainda que muitas dessas tentativas não tenham obtido o êxito necessário para afirmar-se enquanto classe para si, não resta dúvida de que deram uma contribuição importantíssima e serviram de acúmulo para que isso acontecesse em 1848.

Entretanto, é na Comuna de Paris de 1871, que os trabalhadores experimentam de fato o poder. Nesse momento, os trabalhadores parisienses, depois de muitas decepções, num momento de fragilidade da burguesia, apossam-se dos canhões que se encontravam na periferia para defender a cidade contra as tropas prussianas e que, em geral, era apontados contra eles, e declaram a Comuna¹⁹. Permaneceram no poder durante 72 dias e são derrotados depois de resistir bravamente perante o poderio do Governo de Versalhes com a ajuda do exército prussiano, quando a burguesia derruba definitivamente por terra não só suas velhas e esfarrapadas promessas de igualdade, fraternidade e solidariedade, como também seu falso discurso nacionalista, demonstrando que, diante de seus inimigos de classe, os trabalhadores, ela se reconhece e age como uma só, para além das fronteiras nacionais, a enfrentá-los para manter seus privilégios.

Ao assumir o poder, os trabalhadores parisienses trataram de não apenas mudar de mãos o seu controle. Com consciência e identidade de classe procuraram fazer reformas que significavam tanto a socialização do poder como dos produtos sociais. Nesta perspectiva, também trataram de fazer reformas educacionais voltadas para a socialização do conhecimento e para a construção de uma sociedade socialista.

Porém, quando os comunardos ousaram se apresentar enquanto classe para si, quando ousaram tomar a direção de suas vidas em suas mãos, a burguesia tratou de logo destruir e por fim a essas “ilusões” e pretensões dos trabalhadores.

Nesse momento, a burguesia mostrou de fato sua face mais cruel e perversa ao exterminar os trabalhadores parisienses, que se apresentavam enquanto uma classe com identidade oposta à sua, uma classe para si, com interesses opostos aos dela. Também demonstrou aos trabalhadores a necessidade de todos se unirem, para além de suas facções e interesses imediatos, caso realmente quisessem pleitear a sua efetiva emancipação enquanto classe.

Depois da Comuna de Paris, começaram a se travar disputas entre a social democracia, sintetizada em torno das discussões sobre “reforma ou revolução”, no momento, ainda com um caráter socialista e os que ainda se mantinham fiéis aos ideais da Associação Internacional dos Trabalhadores – AIT. Posteriormente, com Lênin, na Revolução Russa, em 1917, ocorre o resgate dos princípios do Manifesto do Partido Comunista, da AIR, e da Comuna de Paris de 1871. Contudo, com a crise de 1929/1930, os capitalistas, para enfrentar o socialismo, para superar a crise, metamorfosearam as bandeiras da social democracia, promovendo reformas de cunho intervencionista, mas com caráter capitalista.

Assim, a partir dos anos de 1930, os trabalhadores que antes sentiam-se excluídos, passaram a sentir-se como que incluídos, porém, pelo capital. Os governos atendem algumas reivindicações, que, diante da pobreza e miséria dos trabalhadores, são incorporadas por eles e, a partir daí, transformadas em moedas de troca. Assim, as lutas e disputas, ao invés de travarem-se pela transformação profunda e radical da sociedade, deslocam-se para a promoção de “melhorias”, a manutenção ou conquista dos chamados “direitos”.

Isto tudo demonstra que de fato a história não é linear, que ela se desenvolve por meio de conflitos e lutas. Poderíamos pensar que depois da entrada em cena dos trabalhadores, após seu reconhecimento enquanto classe, as lutas dos trabalhadores passariam a travar-se única e exclusivamente pela superação de sua condição de classe. Contudo, se ao longo das longas e duras lutas que travou, por um lado, a classe trabalhadora adquiriu algumas experiências e aprendizagens, por outro, a burguesia que detém o controle dos meios de produção, também adquiriu e foi estudando e conhecendo mais e melhor seus adversários e construindo estratégias, utilizando-se de todos os meios, quer sejam eles ideológicos, burocráticos ou bélico-militares tanto para dominá-los como para tentar garantir seus privilégios e “perpetuar-se” no poder. Isto remete a uma conclusão: se de fato os trabalhadores quiserem emancipar-se completa e definitivamente é preciso superar o amadorismo, o espontaneísmo, as lutas por resultados e as de tipo estímulo-resposta, combater o oportunismo e necessitam realizar um trabalho diuturno, profissional e científico, com cálculo, intencionalidade, planejamento e determinação.

Referências:

ENGELS, F. *Para a história da Liga dos Comunistas*. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1885/10/08.htm>>. Acesso em: 29 dez. 2011.

MARX, K. e ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista*. Prólogo de José Paulo Netto. São Paulo: Cortez, 1998, p.04.

MARX, K. *A Luta de Classe em França*. Disponível em:

<http://www.pco.org.br/biblioteca/socialista/ver_texto.php?txt=184>. Acesso em: 29 dez. 2011.

ORSO, P. J. As possibilidades e os limites da educação. In: ORSO, P. J. et al. *A Comuna de Paris de 1871: história e atualidade*. São Paulo: Ícone, 2001.

ORSO, P. J.; LERNER, F.; BARSOTTI, P. *A Comuna de Paris de 1871: história e atualidade*. São Paulo: Editora Ícone, 2001.

Notas:

- 1 Doutor em História e Filosofia pela Unicamp, professor do curso de Pedagogia e do Mestrado em Educação da Unioeste, líder do Grupo de Pesquisa em História, Sociedade e Educação no Brasil – GT da Região Oeste do Paraná – HISTEDOPR.
- 2 MARX, K. *Manifesto do Partido Comunista*. Prólogo de José Paulo Netto São Paulo: Cortez, 1998. p.04.
- 3 Cf. ORSO, P. J. As possibilidades e os limites da educação. In: ORSO, P. J. et al. *A Comuna de Paris de 1871: história e atualidade*. São Paulo: Ícone, 2001.
- 4 MARX, K. *A Luta de Classe em França*. Disponível em: <http://www.pco.org.br/biblioteca/socialista/ver_texto.php?txt=184>. Acesso em: 29 dez. 2011.
- 5 Jacob Venedey, professor da Universidade de Heidelberg.
- 6 Theodor Schuster, ex-catedrático da Universidade de Göttingen.
- 7 Wilhelm Weitling foi uma personalidade de destaque no início do movimento operário alemão e um dos autênticos teóricos do comunismo igualitário utópico.
- 8 Foram colaboradores da Liga dos Comunistas. Karl Schapper (1812-1870), participou do movimento operário alemão e da Liga dos Comunistas, tendo inclusive, atuado no comando central e, junto com A. Willich, contrapôs-se a maioria do Comité, encabeçada por K. Marx e F. Engels.
- 9 Saint-Simon (1760-1815), crítico da sociedade resultante da Revolução Francesa, desenvolveu a ideia de um mundo futuro perfeito. Defendia a planificação social e a indústria como centro das preocupações da sociedade, para satisfazer as necessidades de todos. Os governos deveriam fazer grandes empreendimentos para beneficiar toda a sociedade, preocupar-se em melhorar as condições morais e materiais dos trabalhadores e empenhar-se para pôr fim a pobreza e as guerras. Dizia que quem deveria dirigir os destinos da nação eram os que trabalhavam. Propugnava o fim da transmissão da herança, para evitar que se acumulasse capital. Defendia que as condições de vida de cada um fossem resultados do seu trabalho. Enfim, sua proposta consistia em adaptar a política aos princípios do cristianismo.
- 10 François Noël Babeuf (Graco Babeuf - 1760-1797), tentou organizar a chamada Conspiração dos Iguais, por meio da qual mostrava sua insatisfação com as liberdades e igualdades formais e lutava pelas igualdades sociais e econômicas. Para isso, Babeuf propugnava a eliminação da propriedade privada. No entanto, a insurreição foi denunciada e seus líderes condenados à guilhotina. Babeuf dizia: "Os senhores feudais, em vez de educar-nos, nos tornaram bárbaros, porque eles próprios são bárbaros. Colhem e colheirão o que plantaram...". Mesmo tendo sido destruída a conspiração, as ideias dos conspiradores serviram de base para as lutas da classe operária estabelecida a partir do século XIX.
- 11 Charles Fourier (1772-1837), foi um crítico mordaz da industrialização, do capitalismo, da civilização urbana, do liberalismo e da monogamia. Na década de 1820, propôs a criação de falanstérios, que eram estabelecimentos agro-industriais, que reuniram cerca de 1600 pessoas em um edifício, especialmente projetado para esta finalidade, trabalhariam em fazendas próximas e repartiriam os lucros. Todos trabalhariam, inclusive as crianças, mas o trabalho deveria ser atrativo. Os membros dessa cooperativa realizariam somente os trabalhos de sua escolha. As tarefas não deveriam ultrapassar a duas horas, ainda que a jornada de trabalho fosse bastante extensa.
- 12 Étienne Cabet (1788-1856) foi defensor de um comunismo pacifista, democrático e da construção de fazendas com propriedade comum. Influenciado por Owen, fundou o movimento icariano e defendia a moral e a educação.
- 13 Louis Blanc (Louis Jean Joseph Charles Blanc) – (1811 — 1882) foi um socialista utópico francês, com importante participação na Revolução de 1848, quando devido à associação entre liberais e socialistas se tentou colocar suas ideias em prática, na tentativa de derrubar a monarquia. Dentre elas destacam-se: seriam criadas associações profissionais de trabalhadores de um mesmo ramo de produção, as Oficinas Nacionais, financiadas pelo Estado. O lucro seria dividido entre o Estado, os associados e para fins assistenciais. Enfim, como líder do proletariado, exigia que o Estado se apoderasse do sistema econômico para garantir trabalho e justiça para todos. Porém, os liberais e os socialistas romperam e o Estado fechou as Oficinas Nacionais, começou a perseguir os socialistas e anulou todas as reformas feitas em benefício da classe operária.
- 14 Proudhonianos foi uma corrente do socialismo pequeno-burguês, anticientífica, hostil ao marxismo. Criticando a grande propriedade capitalista, Proudhon sonhava em perpetuar a pequena propriedade privada. Propunha que fossem organizados os bancos "do povo" e de "troca", para permitir aos operários obter meios de produção próprios, tornar-se artesões e garantir a venda "justa" dos seus produtos. Proudhon não compreendia o papel histórico do proletariado, negava a luta de classes, a revolução proletária e a ditadura do proletariado. Partindo de posições anarquistas, negava também a necessidade do Estado.
- 15 Rober Owen (1771-1858), ficou conhecido como o pai do cooperativismo. Dono de fábricas, adaptou uma delas para que os trabalhadores não tivessem que realizar serviços pesados, mantendo o salário, mesmo em épocas de redução das vendas. Mais tarde, propôs a organização de "granjas cooperativas", voltadas principalmente para a agricultura. Inicialmente propostas como forma de resolver o problema do desemprego, converteram-se em meios de regeneração social, voltadas para o cultivo dos valores morais e educativos, preconizados por Owen como os principais valores da sociedade.
- 16 As trade-unions eram associações de empregados das fábricas, que lutavam por direitos trabalhistas, em geral, utilizando-se das greves como instrumento de luta mais eficiente. Mais tarde, na segunda metade do século XIX, transformaram-se em sindicatos, forma de organização dos trabalhadores com um considerável nível de organização e ideologização, apoiados em ideologias antiliberais que serviram à luta da classe operária contra o capitalismo e também pela construção do socialismo e do comunismo.
- 17 Marx, assim como Engels, travaram conhecimento dos movimentos cartistas, primeiro movimento revolucionário de massas da história da classe operária de Inglaterra, nos anos 1830 e 1840, no século XIX. Os participantes no movimento publicaram a Carta do Povo e lutavam pelas reivindicações nela apresentadas: sufrágio universal, revogação da existência de ser proprietário de terras para ser eleito deputado ao parlamento, etc. Por todo o país, durante vários anos, realizaram comícios e manifestações, nos quais participaram milhões de operários e artesões. O

Parlamento inglês recusou-se a retificar a Carta do Povo e rejeitou todas as petições dos cartistas. O governo reprimiu cruelmente os cartistas e prendeu os seus dirigentes. O movimento foi esmagado, mas a influência do cartismo sobre o desenvolvimento do movimento operário internacional foi muito grande.

18 ENGELS, F. *Para a história da Liga dos Comunistas*. Disponível em: <<http://www.marxists.org/portugues/marx/1885/10/08.htm>>. Acesso em: 29 dez. 2011.

19 Para conhecer melhor a história da Comuna de Paris de 1871, bem como, a sua proposta educacional, conferir: ORSO, Paulino José; LERNER, Fidel e BARSOTTI, Paulo. *A Comuna de Paris de 1871: história e atualidade*. São Paulo: Editora Ícone, 2001.

Recebido em: 12/2011

Publicado em: 05/2012.